

# Ensaaios e crônicas



# Sobre leõezinhos e homens nus

Sandra Trombetta<sup>1</sup>

Quando eu era bem pequena, ali pelos 4 ou 5 anos de idade, minha mãe nos levou, eu e minha irmã mais velha, para o grande circo Orlando Orfei, que se exibia em São Paulo. Arrumamo-nos com pompa e circunstância para assistir aos espetáculos anunciados. Na época, questões como os sofrimentos impostos aos animais não costumavam ser pauta e o contato com o mundo selvagem era um dos grandes atrativos oferecidos.

Não me lembro de muitas coisas, além da grandiloquência dos espaços e das expectativas. Porém, uma recordação ficou especialmente marcada dentro de mim, talvez por ter sido registrada em fotografia, talvez pelo inusitado que representava em nossas vidas citadinas. Falo da oportunidade que nós, crianças, tivemos de fazer uma foto com um leãozinho em nosso colo. Lembro-me de que ele era bem pequeno e parecia tão assustado quanto nós. Tinha uma focinheira a lhe prender as mandíbulas e provavelmente as unhas aparadas; mas, ainda assim, provocava medo e excitação em crianças nada acostumadas com o mundo dos bichos. Os adultos, incluindo a minha mãe, incentivavam-nos à experiência, deixando, no entanto, a decisão por nossa conta. A foto que tenho guardada mostra uma menina com olhos apavorados com aquele animalzinho em seu colo, mas ainda assim decidida a não renunciar a tão singular vivência.

1 Membro titular da Sociedade Psicanalítica do Recife (SPRPE).

Olhando a recente cena da menina de também 5 anos estimulada por sua mãe a tocar num homem nu em peça encenada no MAM, relacionei os dois eventos e algumas questões vieram à minha mente. Como será para uma criança viver tais experiências? Não falo de uma criança habitante das savanas africanas, para quem leõesinhos deverão fazer parte do seu cotidiano, tampouco de uma menina indígena, para quem o contato físico com a nudez adulta tem representação diversa – falo das nossas crianças. Como podemos pensar o impacto desses inusitados acontecimentos para o seu mundo mental?

A teoria da psicanálise, e a soberana clínica que nos oportuniza a escuta de tantas histórias humanas, atestam que há uma tônica que diferencia o natural contato da criança com as coisas do mundo daquelas vivências que se assemelham à invasão ou ao dito abuso infantil: é o fato psicológico de elas estarem, ou não, maduras para dizer não. Quando não há palavra para o sim ou tampouco palavra para o não, as crianças são conduzidas a participar de experiências para as quais ainda não há uma condição interna de leitura das complexidades envolvidas com conseqüente escolha. É algo como estar, ou não, preparado para assimilar determinado alimento que poderá ser nutriente ou veneno, a depender de sua maturidade orgânica. Em tais circunstâncias, seus desejos e curiosidades imaturos confundem-se com os experientes e maduros desejos adultos, e o que resta nelas é um barulho que só mui tardiamente, e a custos extraordinariamente altos, talvez seja, um dia, assimilado.

Então, a pergunta que deve ser feita é: haverá espaço para tal criança escolher participar dessa ou daquela atividade, para dizer sim ou não, a partir de si mesma, sem o sentimento de constrangimento ou coação?

Em tempo: a minha irmã mais velha disse não ao leãozinho; ela provavelmente se consultou e decidiu que não estava disposta a viver aquela experiência. E a menininha do MAM, encontraria dentro de si essa possibilidade?